

O COMMERCIO DE BARCELLO

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

ANNO 1. ^o	ASSIGNATURA	Domingo 13 de julho de 1890	PUBLICAÇÕES	NUMERO 19
	Trimestre 300 reis Semestre 600 » Numero avulso 30 » Administração - Livraria Valle, Campo de S. João, Barcellos, para onde toda a correspondência será dirigida franca de porte.		Annuncios, linha 30 reis Repetições 15 « Corpo do jornal 40 « Os srs. assignantes gozam o abatimento de 25 % Annunciam-se as publicações litterarias, de que se receba um exemplar.	

AO COMICIO, PATRIOTAS!

HOJE PELAS 11 HORAS DA MANHÃ NO SALÃO DA CAMARA DEVE REALISAR-SE UM GRANDE COMICIO EM QUE SE PROTESTARÁ PELA INTEGRIDADE DA COMARCA

SABBADO. 12

A COMARCA D'ESPOZENDE

POR mais do que uma vez a autonomia da comarca de Barcellos, tal como, ha muitos annos, se acha constituida, tem sido ameaçada pelos desejos pouco justificaveis d'alguns habitantes da villa d'Espozende, que, a despeito dos incontestaveis direitos, que Barcellos tem á conservação integral da sua comarca, e ainda da opinião e vontades d'uma importante parte dos municipes d'aquelle concelho nosso vizinho, pretende, a todo a transe, fazer crear n'aquella villa uma comarca, o que, em verdade, não tem razão de ser.

A circumscripção da comarca de Barcellos comprehendendo o concelho d'Espozende, como o *statu quo*, não pode nem deve soffrer alteração, sem que o contrario deixe de trazer consigo uma grandissima injustiça para Barcellos e uma inconveniencia mesmo para povos da comarca.

Barcellos está situado no centro da comarca, havendo igualdade completa de distancia para todos os limites d'ella; da sorte que tanto dista Barcellos d'Espozende, terminus poente, como de Mirim te minus nascente d'este concelho; e iguaes distancias se encontram de norte a sul, ou seja de Barcellos a Tregoza e Billugães ou de Barcellos a Viados e Macieira de Rates; esta circumscripção não perfeita e completa, tão equitativa como igual já determinou um digno ministro da justiça, conselheiro Barjona de Freitas indeferir uma pretensão igual, á que os nossos vizinhos d'Espozende apresentam

agora; e se então esta pretensão d'Espozende não obtive deferimento dos poderes publicos, muito menos direito tem agora a elle quando as condições de viacão publica tem melhorado consideravelmente, quando quasi todas as freguezias d'aquelle concelho se acham ligadas á cabeça da comarca por excellentes vias de comunicação.

As freguezias do concelho de Espozende concorrem mais vezes a Barcellos, independentemente mesmo dos negocios do fóro, do que se relacionam com aquella villa, onde o commercio tem pouca importancia, e as industrias se synthetizam na industria da pesca em pequena escala.

O importante mercado semanal de Barcellos traz aqui os povos d'aquellas freguezias, que veem fazer o seu negocio, vendendo os seus generos agricolas, e abastecendo-se dos generos de consumo, de que precisam; e tendo negocios pendentes d' fóro judicial d'elles tratam então com a mais manifesta commodidade. E tanto isto é religiosa verdade, que, em occasiões analogas, os moradores das freguezias de Fão e Apulia, as mais importantes do concelho d'Espozende, trataram de representar aos poderes publicos contra a pretensão da comarca; sendo que a freguezia de Fão é limitrophe com Espozende, separando-as apenas o rio Cavado!

Suppôr-se que a criação d'uma pequena comarca n'aquella villa, lhe irá imprimir um novo character, e dar-lhe uma vida que nunca teve, o que só pelo desenvolvimento do seu porto de mar lhe pode advir, será uma presumpção absolutamente pueril, e cujos resultados praticos seriam mais prejudi-

ciaes para Barcellos do que lucrativos para Espozende, aonde creado já um julgado municipal, que deveria ter deixado satisfeitas as aspirações d'uma parte dos habitantes d'aquella villa, que nem todos se empenham pela criação da comarca, porque muitos são também, os que renegam mesmo o julgado municipal.

A criação da comarca em Espozende traria novos encargos ao thesouro, e pesadas contribuições aos municipes d'aquelle concelho; despesas que só uma necessidade urgente poderia aconselhar, e que o estado precario do contribuinte instantemente reclama, que se evitem.

Mas qual é a necessidade urgente, que se apresenta para que o thesouro e o contribuinte do concelho d'Espozende, sejam sobrecarregados com novos gravames? Não está em dia o serviço do fóro n'esta comarca de Barcellos?

Não tem o juizo de direito d'esta comarca satisfeito de prompto a todas as reclamações da justiça? Em que bases seguras se pode assentar uma pretensão tal, que, não passando d'umas aspirações phantasticas d'alguns aspirantes a empregos publicos, seria um encargo pesado para os povos do concelho de Espozende e um prejuizo consideravel para Barcellos, cuja alçada judiciaria fóra em tempos, a primeira do paiz?

Foi esta a educação que deram a esta villa, e de forma a fazerem d'ella um viveiro de habéis empregados do fóro, que eram importados por outras comarcas para servirem de guias e mestres a empregados creados de novo sem pratica do serviço forense.

Esta comarca foi cercada pelas comarcas de Vianna, de Villa

Verde, de Ponte do Lima, de Famalicão e da Povoia de Varzim, ficando com o que actualmente lhe deixaram, sendo que a importante freguezia de Gondifellos foi empalmada para Famalicão ainda não ha muitos annos.

E do que lhe ficou, não achou de mais o sr. Fontes Pereira de Mello quando se tratou da criação de novas comarcas, não nos tirando nem uma freguezia, indeferindo o protesto d'Espozende, e achando que o antigo fóro judicial de Barcellos tinha direito a que se respeitasse a integridade da comarca actual, que agora os discipulos d'aquelle grande mestre e estadista distincto, pretendem empalmar para Espozende; sendo que o dia da criação da suspirada comarca, ainda com as freguezias do concelho d'Espozende, será a vespóra de novo cercamento nas freguezias do nosso municipio, o que nos virá a acarretar maiores contribuições e encargos mais pesados para os contribuintes que ficam. E por isso, dizemos, que, não vindo n'esta villa um outro recurso para sustentar a nossa actividade senão os trabalhos forenses em que fomos educados, protestamos energeticamente, e tudo quanto levemos e podemos, contra a criação da comarca d'Espozende, que, não promettendo grandes vantagens para os nossos vizinhos, é de todo o modo de maior prejuizo para Barcellos.

NOVO SYSTEMA DE FAZER EXECUTAR AS LEIS

E simplesmente original e grotesca a maneira por que o governo que nos

rege está pondo em execução os productos da sua esquentada imaginação, e a que dão o sagrado nome de lei.

Ouçam, e dir-nos-ão se ha ou não motivo para censuras.

O governo com a sua rede de novos impostos, contribuiu com mais tantos por cento fazendas que os nossos negociantes importam.

Estes apenas souberam do novo tributo correram ás alfandegas para fazer despachar todas as fazendas; mas como não poderam ser todos servidos no mesmo dia, foi-lhes dito no dia immediato que nada valiam as suas pressas, porquanto um telegramma do sr. ministro da fazenda ordenava que as fazendas deviam ser despachadas pela nova pauta.

Justamente indignados, os negociantes foram pedir providencias ao sr. governador civil contra tal abuso, ao mesmo tempo que se dirigiam ao sr. ministro pedindo a suspensão da ordem telegraphica.

A Carta Constitucional manda que uma lei só pode ter vigor passados 3 dias depois da sua publicação no «Diario do Governo», contados da chegada do mesmo «Diario» á localidade; e não obstante os negociantes do Porto terem 4 dias—4 do trajecto do «Diario» e 3 por lei,—foram prohibidos do levantamento das fazendas por um te-

(18)

FOLHETIM

M. PINHEIRO CHAGAS

OS GUERILHEIROS DA MORTE

III A Partida Para o Brazil

(Continuado do n.º 14)

—Para que te serve a espada, fracalhão, retrocon o leigo, cerrando os punhos, alma de chicharro?

Não estou duvidoso na escolha, tornou o sargento, diluindo em prosa a satyra do poeta, não preciso de ver que tal é a folha, cortando por coisa dura.

E apontava para a cabeça do leigo, no meio das gargalhadas dos circumstantes.

Era também o unico grupo, onde parecia haver uma sombra de jovialidade. No resto da praça não se ouvia senão um surdo

murmurio de colera, misturado com gritos de pavor. Circulavam as noticias mais aterradoras. Houve um momento em que a multidão oscillou, atropellando-se para fugir, porque correu voz que os francezes tinham entrado em Lisboa, e que os seus regimentos vinham a marchemarche na direcção de Belem.

—Fujam! fujam! bradavam uns.

—Armas! armas! exclamavam outros, inflamados pela ira patriótica.

—Morram os jacobinos! gritava em córo tremendo a multidão.

—Abaixo os hereges! rugiam outros, confundindo na sua indignação os inglezes alliados e os francezes inimigos.

—Viva o principe regente! concluia o povo em tumulto.

Cruzam-se estas exclamações encontradas; ondeava a turba

em mil direcções diversas. Era uma scena inexprimivel de confusão e terror. O povo sentia que lhe faltava a protecção natural do governo, instituido para o dirigir, para o defender, para lhe organizar a força, para lhe aproveitar as vontades. Estava como n'um naufragio a campanha, vendo fugir o capitão que deve commandar a manobra e salvar o navio, e que sem saber o que ha de fazer, corre de popa a proa, sentindo a aproximação da morte, enrolada nas vagas, conhecendo que tem força e meios para salvar o navio, mas vendo que lhe falta a direcção intelligente, que podia tornar uteis os seus esforços e prestavel a sua resolução.

Era este o aspecto que apresentava a praça de Belem, quando appareceram os coches que conduziam as pessoas reas para bordo das galeotas que os espe-

ravam. Vinha no primeiro o principe regente; conheceu-o a gente do povo, e prorompeu nas exclamações familiares, que a *bonhomia* do regente facilmente autorisava.

Rodeiaram-lhe o coche, e o principe debruçando-se da portinhola, não via senão braços estendidos e rostos supplicantes.

—Não nos deixe, meu senhor, bradava um, fique com seus filhos. Vossa alteza é o paço do pobre povo. Não nos abandone.

—Não nos deixel não nos deixel respondia a turba.

—Sim, meus filhos, sim, dizia o pobre principe D. João com a voz afogada em lagrimas, eu não queria deixarvos; mas que heide fazer? Querem que os francezes nos levem de rastos para França a mim e aos meus filhos?

—Então nós para que servimos? redarguia um robusto

magarefe de mangas arregaçadas; então nós assim largamos os nossos principes; então cá a malta deixa-se pisar aos pés lá pelos jacobinos!

—Morram os jacobinos? Viva o principe regente! clamava o córo popular.

—Obrigado, meus filhos, dizia o principe, obrigado, mas eu quero poupar um inutil derramamento de sangue. Napoleão foi um flagello que o Senhor enviou á terra para nos castigar dos nossos peccados. Quem lhe resiste affronta o proprio mensageiro das iras de Deus.

N'isto haviam chegado proximo do caes. O regente quiz apagar-se. Então é que foi a scena pathetica. O povo apinhou-se em volta do pobre principe, e este, debulhado em lagrimas, apertando as mãos que se lhe estendiam, balbuciava palavras desconexas.

(CONTINUA)

